

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 7.º

1.º DE ABRIL DE 1848.

N.º 79

O PASSAPORTE.

— Então é verdade, Leoncio, posso fazer te meus cumprimentos: tu vaes te casar?

— Certamente... Estaes vendo meus bahús promptos para a viagem d'aqui a uma hora o coche de posta me recebe, chiego ámanhã a Montargis, apresento-me depois de a manhã em casa de minha noiva, que mora n'uma chacara, a poucas leguas d'alli.

— E é bonita a tua noiva?

— Lindissima; ainda não a vi, mas meu tio Lombard, que teve a bondade de arranjar-me esse casamento me faz da môça um retrato encantador; dezoito annos, loira, cem mil francos de dote, e o dobro em legittimas esperanças. Tu a verás, Julio: tu és do pequeno numero dos meus amigos do tempo de solteiro, a quem depois de casado não prohibirei a entrada da minha casa.

— Muito agradecido; mas o momento da tua partida vaes chegando, adeus. Boa viagem e boa hora.

Leoncio Durand era um môço assaz elegante, de feições agradaveis. cujo espirito andava no justo meio entre o mediocre e o brilhante. Mudento, e dando pouco que fallar de si, elle era recebido em todas as

companhias, e ia vivendo no mundo sem ser notado: não era no entanto seu character destituido de uma certa originalidade. Entregue a si mesmo na idade de vinte annos, senhor de suas acções e de sua fortuna, Leoncio nunca mostrára vocação para o celibato, não tinha nem os gostos, nem as paixões que dão preço á vida de solteiro. Para elle a independencia não tinha encantos; fugia dos ruidosos prazeres; aterravam-no intrigas amorosas; o amor, elle o não conciliava senão com uma ternura suave e perpétua. De indole facil, molle, sujeitando-se de boa vontade a qualquer opinião que se lhe impunha, inclinado á obediencia, gostando de deixar-se governar, elle se achava naturalmente predisposto para o casamento, e todavia as damas não haviam sentido quahtas garantias conjúgues offerecia esse bom môço no involucro do celibatorio; não tinham descoberto optimo marido, e apesar de seus seis mil francos de rendimento annual, e de sua ardente vontade de casar-se, Leoncio ainda estava solteiro e já tinha vinte e oito annos de idade.

Tão treloucado como impaciente, Leoncio dirigiu-se a principio a uma viuva ainda môça, cujos namoros e agradinhos quiz pagar propotido lhe

clara e formalmente o santo matrimonio. A viuva, que o não esperava, ficou admiradíssima de ver que tinham tomado em serio seus galanteios; mas ella apreciava em demazia a viuvez para ir assim á tôa renunciar a tão doce estado; ella agradeceu a seu respeitoso adorador, o qual por ter querido ser marido vio-se despedido de ser amante.

Este revez atordoou Leoncio, e de então seus passos eram regulados por uma desconfiança desageitada que lhe foi funesta. Quando por tres vezes foi recusado, não se fallou mais senão de suas derrotas, esquecidas suas bellas partes; as familias cuja aliança procurou assustaram-se. Não o quiz, diziam, M.^o de... não o quizeram M.^o...e...è impossivel que debaixo de tão bellas apparencias não encubra este miço algum vicio occulto. O campo era vasto e azado para terriveis commentarios e extraordinarias supposições. Muitos annos se passaram assim; e de mais opprimido pelo pezo de suas desventuras, alquebrado por tantas derrotas, cahiu n'um profundo desanimo e abatimento.

Veio felizmente em seu socorro o tio Lombard. M. Lombard havia sido em sua mocidade caixeiro viajante; tendo enriquecido, e achando-se como socio á frente de uma opulenta casa de commercio, elle havia reservado para si a parte das viagens, afim de que não perdesse seus antigos e queridos habitos. Haviam já trinta annos que M. Lombard percorria a França, e vaidoso pretendia que em todas as cidades e aldeias do reino deixára enamoradas. Para justificar esse cosmopolismo amoroso convém advertir que M. Lombard era elegante e bem feito: partidista estrenuo do celibato,

elle nunca havia procurado a inclinação de Leoncio, que, liberal por essencia, era tolerante, e tinha por principio não contrariar as inclinações e gostos dos outros. Tendo de partir para uma longa viagem elle disse a seu sobrinho:

— Não te afflijas, rapaz, eu me encargo de procurar-te uma esposa perfeita, arranjar-te-hei tudo, tu não te incomodarás se não para ir casar: confia em mim que tenho boa mão para escolher. D'aqui a um mez terás noticias minhas.

Havia M. Lombard desempenhado sua palavra: tres semanas depois da sua partida escreveu a seu sobrinho:

„ Meu caro amigo, tenho a fortuna de informar-te que, conforme com a nossa convenção, procurei-te, e achei-te uma noiva soberba. É uma moça linda como um anjo, que tem magnificos olhos azues, bellos cabellos louros, e é fillia unica de uma mulher que possui quinze mil francos de rendimentos de bens de raiz. O dote que leva será de cem mil francos. Espero que não terás razão de queixa contra mim. Põe-te de viagem apenas receberes esta, e apressa-te de casar. Não poderei assistir a teu casamento porque devo sem demora seguir para Marselha e demorar-me na Provença perto de dous mezes. Quando voltar terei grande prazer de te achar casado, e no entanto fico fazendo sinceros votos por tua felicidade. Adeus, meu amigo.

Teu tio que te ama,

ISIDORO LOMBARD.

P. S. Eis aqui o nome e a morada de tua noiva — Me. Euphrasia Dutillois, em casa de Mme. Dutillois, sua mãe, em Bony perto de Montargis.

Esta carta encheu Leoncio de insolito jubilo; elle partiu apressado, cheio de

esperança, e imaginando um risinho futuro. Em Fontainebleau, o coche de posta parou, e o conductor deu vinte minutos aos viajantes para que jantassem. Sentarão-se à meza. N'uma sala viziua os viajantes de outro coche que vinha de Lyão acabavão de jantar, e se dispunhão a continuar sua viagem, quando os gendarmes se apresentarão para visitar os passaportes. Todos derão os seus, elles os receberão, e os examinarão cuidadosos que corrião boatos de conspirações, de rusgas, de não sei mais o que.

Depois de preenchidas todas as formalidades do estylo, os gendarmes derão volta a ambas as mezas, e fazendo a chamada dos viajantes forão entregando a cada um seu passaporte.

Em quanto Leoncio batia a estrada de Montargis, occupavão-se d'elle na aldêa de Bony. Merecia Euphrasia Dutillois os elogios com que o tio Lombard havia encarecido sua belleza; era uma môça que só tinha um defeito, o de ser um pouco amiga de fazer suas vontades, defeito tão commum entre os filhos unicos, que o amor dos paes deitão a perder; mas esse defeito quadrava perfeitamente com o character de Leoncio. Herdeira de quinze mil francos de rendimento annual era Euphrasia em demasia rica para que pudesse em Bony achar marido: nem um pretendente se tinha apresentado exceptuando apenas um primo, Pamphilio Jovin, um grosseirão, que ella mais de uma vez tinha desenganado, mas que não havia desacorçoado, e teimoso esperava. Passando por Montargis recordou-se M. Lombard que seu amigo M. Dutillois havia por sua morte deixado uma viuva com uma filha unica, e fortuna soffrivel. Elle dirigiu-se para Bony, achou Euphrasia a

seu gosto, fez proposta de seu sobrinho, e foi aceita.

O Jovin ficou muito mortificado com esse acontecimento, elle havia contado para o triumpho com sua teimosa insistencia, e com os poucos recursos que se achavão em Bony; mas quando viu que Pariz vinha entrar em concurrencia, o coitado perdeu toda a esperanza. Depois de haver tudo disposto para o casamento de seu sobrinho, M. Lombard havia partido, Leoncio devia chegar no dia seguinte a Bony. Mme. Dutillois conversava com sua filha, e fallava-lhe de seus direitos e de seus deveres futuros; Euphrasia, que havia uma hora não dava uma palavra interrompeu de repente sua mãe, dizendo-lhe:

— Parece-me, mãã, que muito nos apressamos de aceitar M. Durand pelas boas informações que d'elle nos deu seu tio!

— M. Lombard, respondeu Mme. Dutillois, é incapaz de enganar-nos. Alem d'isso meu tabellião que encarreguei de indagar quem era o moço, affirma que é verdade quanto disse o tio.

— Não duvido mãã, dos seis mil francos de renda que possui M. Durand, quero acreditar que pertence a familia honesta, que é bem morigerado. Isso vos basta; vossa responsabilidade de mãe está garantida: tendes com isso convenientemente estabelecido vossa filha. Mas isso me não basta a mim: é de mister que esse senhor me agrade e eu notei que M. Lombard, ao tempo que nos gabava o bom character de seu sobrinho, evitava com cuidado de fallar de sua pessoa.

Verdade é que M. Lombard havia-se mostrado muito discreto n'esse capitulo, e isto por uma razão mui simples; é que M. Lombard não dava a-

preço nos homens senão a uma especie de belleza. Para ser bello, em sua opinião, preciso era ter oito a nove palmos de altura, fortes espaduas, faces bem vermellas e suissas bem cabeludas: não reunia Leoncio tão brilhantes dotes, e porisso M. Lombard que achava que a natureza o havia mal tratado, só havia dito a respeito d'elle: — Tenho quasi certeza que vós não desgostareis de sua pessoa. — Palavras ambignas que tinham lançado Euphrasia na duvida e na inquietação.

— Pois bem, continuou Mme. Dutillois, estás ainda perfeitamente livre. Amanhã veremos M. Durand, e si elle te não agradar, nós o despediremos. Mas aposto que elle te háde agradar.

— E' assim mesmo; vossa confiança faz vossa força; julgaes que é facil dizer na cara de alguém ide-vos embora, acho-vos desagradavel e feio? Não minha mãe, quando chegarde a esse ponto, eu vos verei tão embaraçada tão afflicta que por compaixão, por dó, sacrificar-me-heis, cazarei... Sim, que me conheço... Felizmente ha um recurso que tudo concilia.

— Qual é?

Eil-o: mandai que Estevão prepare a sege, vamos a Montargis, d'aqui a tres horas lá chegaremos, apeiemos-nos na estalagem em que parão os coches de Pariz, ninguem nos conhece, ceiamos à meza commun com os viajantes por ultimo chegados; encontro-me com M. Durand; se me não servir escreveis-lhe uma carta que lhe poupe o trabalho de ir a Bony, e a vós uma explicação que não deixa de ter seus embaraços: que tal achaes meu plano?

Quando Mme. Dutillois e sua filha pararão-se na estalagem destinada esão nove horas da noite, já se havia ce-

ado. Euphrasia dirigio se à dona da casa que respondeu com boa vontade a todas as suas perguntas.

— Entre as pessoas chegadas hoje de Pariz, veio tambem um M. Durand?

— Sim, minha senhora, sim, um moço que veio casa-se aqui na terra, ao que pude colher das conversações que ouvi. Elle disse que pretendia ir amanhã até à aldêa de Bony. Thomaz deve leval-o no carrinho da casa pagando elle cinco francos. A viagem ficaria bem paga com tres francos, mas quando se vae ver sua noiva que importa se pague mais caro! As senhoras conhecem M. Durand? Querem que v'avisal-o, que o procurão? Elle ainda não está deitado; em seu quarto a verla ainda não está acceza. Sim, que n'este mesmo instante acaba Catharina de trazer-me o passaporte d'elle: v'ou escrever seu nome no registo da casa; que é preciso obedecer as autoridades e não nos involucr-mos com a policia. As senhoras querem cear?

— Sim, respondeu Euphrasia, sim, fazei que nos sirvão depressa.

Dentro de um minuto, senhoras.

Ella retirou-se deixando em cima da meza o passaporte. Euphrasia lançou mão d'elle dizendo:

— Talvez não nos seja preciso ver M. Durand; seu retrato ha de achar-se n'este papel.

Ella abriu e leu.

„ Em nome d'El-Rei.. Pedro Ignacio Durand....

— Chama-se Ignacio: que nome tão feio!

— Escolher-lhes-has outro mais bonito, respondeu Mme. Dutillois, e que mais te agrade.

Euphrasia passou á descripção da pest-soa: ella empallideceu, a mão tremede-lhe, e ella disse para sua mãe;

— Dar-lhe-hei, tambem outros cabellos que mais inq, agradeu?

— Como?

— Tem cabellos vermelhos.

— Vermelhos! exclamou Mme. Dutillois... Ah! M. Lombard! M. Lombard! M. Lombard!

— Não é só isso mamã, continuou Euphrasia com sangue frio de quem já está resolvida a ouvir o resto.

— Sobrancelhas cor de fogo, olhos esverdeados, nariz achatado, boca grande, barba avermelhada, cara toda marcada de, bexigas. — Signal particular: uma verruga em cima da ventrada esquerda.

— Mme. Dutillois cahiu consternada: Euphrasia já tinha decidido o que havia de fazer, como moça que sabe que nunca lhe saltarão maridos quando quizer escolher. A estalajadeira voltou, annunciou que a cêa estava na meza e ajuntou:

— M. Durand ainda não está deitado, elle acaba de pedir pennas, papel e tinta.

Que nos importamos com isso? respondeu Euphrasia: não conhecemos esse senhor, o de que ainda agora vos fallamos é meu pae, e tem cincoenta annos.

No dia seguinte Leoncio se dispunha a partir para Bony no carrinho de Thoma quando recebeu uma carta de Mme. Dutillois. A despedida estava phrasedada de um modo poltico: allegavão-se fortuitas circumstancias, desculpas que não admittião replica. Leoncio comprehendeu que uma fatalidade o ligava ao celibato, resignou-se e toinou cheio de tristeza o caminho de Pariz. Em Fontainebleau o cabo da gendarmaria que examinou seu passaporte, exclamou:

— Ah! eis aqui uma grande ventura para aquelle senhor que deste hon-

tem está preso a tres leguas d'aqui... Ignacio Durand, cabellos vermelhos, marcado de bexigas, com uma verruga, — é elle mesmo, coitado! e descobrindo então outro papel: Leoncio Durand, cabellos pretos nariz medio carnival... é isso mesmo. Tomae, senhor, tivemos hontem um engano: são dous Durand. Um vinha de Pariz, outro para lá ia: trocação vossos passaportes quando v'os entregarão; teve esse erro funestas consequencias para vosso homonymo que foi preso, e achase a esta hora na cadeia desta cidade. Tudo agora se explica, e vou fazel-o soltar. Deveis dar-vos por feliz, senhor Leoncio Durand, de que não vos trouxe semelhante engano consequencia nenhuma desagradavel.

— Dou-me com effeito por muito feliz!

Depois da desgraça de Montargis, Leoncio tornou-se philosopho: vendo que lhe era impossivel casar-se, reconciliou-se com a vida de solteiro, a herança de seu tio veio permittir-lhe que se entregasse a todos os divertimentos de um opulento celibatario. M. Lombard morreu repentinamente em Marselha, deixando a seu sobrinho o melhor de quinhentos mil francos. Desde então Leoncio venceu sua indole, entregou-se aos prazeres, e encarou o casamento debaixo de muito diverso aspecto.

Um anno tinha passado depois de sua desventurada viagem de Montargis, quando Leoncio encontrou n'uma baile uma môça muito bonita, que ouvindo seu nome, lhe disse:

— Eu estive por pouco a chamar-me Mme. Durand.

— Ah! talvez algum dos meus parentes!

— O senhor Ignacio Durand, recordeiro de Pariz, é vosso conhecido?

— Sim certamente, e foi bem extravagante o modo porque nos conhecemos. O anno passado, n'uma viagem que ambos faziamos, trocarão se nossos passaportes, prenderão-o. Felizmente ao menos para elle tive no dia seguinte de manhã de voltar de Montargis, e

— De Montargis! e vossos passaportes estão trocados?

— Sim, minha senhora, elle estava com o meu, e eu com o delle: foi um erro do gendarme e como em nada nos pareciamos...

— Ah! meu Deus! que me dizeis!... Ereis vós...

— Como, era eu? perdoae-me, senhora, não vos entendo.

— Eu sou Euphrasia Dutillois, senhor, fui esperar-vos com minha mãe, na hospedaria de Montargis, vi vosso passaporte, e

— É a descripção da pessoa horrosizou-vos: era feita para isso. E eu que me dava por feliz de não ter sofrido serias consequencias d'esse engano! Mas senhora, se agora me fosse licito esperar...

— Agora, senhor, estou casada; chamo-me M.me Jovin, meu marido alli está n'aquella meza de jogo defronte de nós.

E ella mostrou a Leoncio um gorducho com ar de tolo, cuja cara se arreganhava alegre diante de suas cartas.

— Maldito passaporte! disse baixinho, Euphrasia

HISTORIA DE CATHARINA ALEXOWNA,
Esposa de PEDRO GRANDE, im-
perador da Russia.

Catharina Alexowna nasceu perto de Derpart, pequena cidade da Livonia, de parentes mui pobres. Ain-

da na flôr dos annos, experimentou a perda de seu pai, e o trabalho de suas mãos apenas chegava para a sua subsistencia, e de sua mãe soffrendo sob o peso de enfermidades.

Ella era formosa e bem feita; e a natureza a dotára de um talento agudo, recto e solido. Aprendeo a lêr com sua mãe, e um velho cura lutherano a instruo nos principios e nos deveres da religião.

Ainda bem Catharina não tinha quinze annos quando lhe morrêo sua mãe; ella foi viver na companhia do cura lutherano, e deo ás filhas d'aquelle sacerdote a educação, que d'elle recebeu na sua infancia. Tomou junto com suas discipulas lições de dança e de musica, e continuou a aperfeiçoar-se n'estas duas artes até á morte do seu bemfeitor: em consequencia d'aquella desgraça, cahio n'um horroroso estado de indigencia; e a guerra, que se ateou entre a Russia e a Suecia, obrigou Catharina a deixar a patria, e a ir buscar um asylo em Marienbourg.

Ella vio se na rigorosa necessidade de atravessar a pé um paiz, que assolavão dous exercitos inimigos. Depois de escapar a muitos perigos, foi acommettida por dous soldados Suecos, os quaes sem duvida lhe terião feito violencia, se um official inferior não se apressasse a socorrê-la. Cuidou logo em manifestar a gratidão, que lhe inspirava uma acção tão generosa; mas, que espanto não foi o seu, reconhecendo na pessoa de seu libertador o filho do pastor lutherano, que tanto a protege-

ra nos tenros annos! O joven official ministrou a Catharina os soccorros necessarios para concluir a sua viagem, e lhe deu uma carta de recommendação para Mr. Gluck, antigo amigo de seu pai, então seu intimo amigo em Marienbourg. Aquella carta, e mais que tudo, o seu talento, suas engraçadas maneiras, e a sua belleza, valeram-lhe uma tão favoravel recepção, que apesar de não ter mais de desasete annos de idade, Mr. Gluck logo lhe confiou a educação de suas duas filhas. N'este emprego, soube ella tão bem agradecer a estima do pai de suas discipulas, que Mr. Gluck, a esse tempo viuvo, julgou do seu dever offertar-lhe a sua mão. Catharina a recusou; e sem mais demora, offereceu a sua ao seu libertador, pósto que elle tivesse perdido um braço, e se achasse desfigurado por numerosas cicatrizes.

Era por certo impossivel presentir a futura grandeza de Catharina; mas, mesmo suppondo que assim fosse possivel, cases, que a previssem, desde logo conhecerião que uma alma tão bem formada seria em todo o tempo superior á fortuna, ainda a mais brilhante. O joven official estava então de guarnição na cidade. Sua surpresa foi igual á sua gratidão; elle aceitou com transporte a mão de Catharina. Tihão já os dous noivos recebido a benção nupcial; no mesmo dia p' em os Russos sitio a Marienbourg; o joven official é chamado para repellir um assalto, e expira, coberto de gloria, antes de ha-

ver colhido o fruto da generosidade e da gratidão de sua esposa.

Continuou o cerco com furor; e Marienbourg foi tomada de assalto. A guarnição, os habitantes, as mulheres, as crianças, tudo foi passado ao fio da espada. Em fim, cessou a mortandade, e os vencedores fórao achar Catharina escondida n'um forno.

Tendo já arrostado com a indigencia, tambem soube conservar na escravidão toda a sua serenidade. Esta coragem varonil, e seu raro merecimento bem depressa a derão a conhecer. Houve quem d'ella fallasse na presença do principe Menzikoff, general Russo, cujo destino, pelo que tinha de extraordinario muito se assemelhava ao de Catharina. Elle quiz vê-la; ficou cativo da sua belleza; comprou-a ao soldado proprietario d'ella, e a confiou ao catinholo cuiado de sua propria irmã; em fim, tratou-a com o respeito e todos os desvélos devidos ao seu sexo, e a seus infortunios.

Passado algum tempo, foi Pedro Grande fazer uma visita ao principe Menzikoff. Catharina servio á meza com muita graça e modestia. Foi grande a impressão, que ella produziu no animo do imperador; o qual voltou logo no dia seguinte, mandou vir á sua presença a formosa escrava, fez-lhe varias perguntas, e achou que os encantos do espirito erão n'ella superiores aos da figura. Pedro, que sabia crear os homens, sabia tambem julgal-os. Elle persuadiu-se que Catharina era digna de ajudal o em suas grandes e vastas empresas; e assim,

sympathisando e amot com suas vistas politicas, resolveo casar-se com ella. Informou-se de todas as particularidades da sua vida foi conhecê-la nos seus primeiros annos; acompanhou-a na sua obscuridade, n'este estado, em que a alma, obrigada a valer-se de suas unicas e proprias forças, luta com a fortuna sem ter espectadores, que a observem e triumpham sem receber applausos. E vendo que Catharina sempre sustentara um caracter nubre, e verdadeiramente grande, julgou que era este um titulo mais que sufficiente para o elevar ao grau de imperatriz: todavia, achou conveniente celebrar as suas nupcias occultamente.

Collocada no throno imperial, Catharina realisou as esperanças de seu digno esposo. Em quanto Pedro cuidava em formar os honras taes como queria que elles fossem, ella não se poupava ao trabalho de aperfeiçoar a educação das pessoas do seu sexo, mudando-lhes o vestuario, inspirando-lhes o gosto da leitura, e estabelecendo o uso das sociedades: ella consagrou toda a sua vida aos deveres de imperatriz, de amiga, de esposa e de mãe. Em fim, Catharina possuía os talentos do outro sexo, mas nunca lhe sacrificou as virtudes e os adornos do seu; e a coragem, que a acompanhara na desgraça e a distinguira no throno não a desamparou nos ultimos momentos, com essa mesma morreo.



OS BAZARES E CASAS DE PASTO DE CONSTANTINOPLA.

Londres e Paris, metropoles rivaes na riqueza e magnificencia dos armazens de fazendas, na multiplicidade e variedade das lojas, não tem cousa que se pareça com o bazar grande, ou mercado o terra publica de Constantinopla. Accumulai, na imaginação, todos os hairros onde a industria parisiense e o commercio britannico ostentão as suas produções; juntai-lhe, se tendes viscido a America, os arruamentos de New York, de Boston e de Philadelphia; e só assim podereis formar idéa da especie de cidade coberta a que os habitantes de Stambul thnamão o seu bazar grande ou principal. Dentro d'elle podeis vaguear dias inteiros, seguindo as varias ramificações dos canjulos, e fazendo mil rodeios sem achardes termo à vossa excursão. Um passeio por este sitio dá muitissimo prazer, mas não é um prazer sem incommodo. Os concurrentes apinhão-se, como entre nós, à porta das igrejas em dia de festa. Empuxão da direita, encontrão da esquerda, ora para diante, ora à carangueia, anda-se no ar, anda-se ao acaso, sem ser possível regular os passos. De uma banda acotovellão o inexperto curioso os turnos de mulheres turcas, de chinelinhas amarellas e véos pela cabeça, que vão abrindo passagem; de outra banda o abalroa um rolo e medio es cravo que leva ao collo uma criança; atraz disto aguenta o violento empurrão do *keras* armado desde o bico dos pés até a grenha, que vai fazendo barra para o transitio de a guil e a fãnculo magro e trado. A unica resolução adoptada neste aperto é, em vez de alargar as azas, apertar os cotovellos contra o corpo e as mãos sobre as algibeiras, e deixar que as ondas daquella multidão de todos os

trajes, de todas as linguas, de todos os lotes, nos vão baldeando até onde queremos ir

As ruas do bazar são ocheitas, na altura de um teroeiro andar, com vastos caixilhos de vidraça que só as chuvas limpão, e que, por isso mesmo, apenas deixão passar uma claridade soturna, proveitosa aos vendedores. Todos as lojas são uniformes; em geral não chegão a ter uma braça de largura. Em cada uma está o dono ou caixeiro assentado de pernas encruzadas em cima de um mostrador da altura de uma cadeira, e daquelle telonio apresenta aos freguezes o que lhe pedem, sem mudar de postura. Por diante destas lojas ou cubiculos, separadas umas das outras tão sómente por meio de insignificantes tabiques, corre uma bancada de madeira a todo o comprimento da rua. O comprador senta se no balcão para a turbamulta da rua o não arrastar na torrente; e o vendedor lhe mostra os generos em cima dos joelhos, sem proferir palavra, salvo para dizer o preço das fazendas. A's vezes o sisudo traficante vâ fazer a ablução ou lavatorio que o rito lhe prescreve, e desobriga se de suas rezas e prostrações, sem fazer o minimo caso do comprador nem do chusma que vai passando.

Em Constantinopla, um frangue (como os Turcos olinão os Europeus) não entra em huma loja sem attrahir a attenção publica: se aponta para um lenço bordado, para um bom chale, etc, e illo que o cercoão as senhoras turcas de alta jarrelhia sem a menor cerimonia, para verem de perto o objecto que o estrangeiro quer comprar, não mostrando outro receio senão o de deixarem ver a cara, que occultão cuidadosamente com as dobras do vé; estas verdadeiras filhas de Eva examinão profundamente

re as fazendas que o frangue regateia, observão-lhe os modos e os movimentos, e, se descalça a liva ou puxa pela bolsa, pegão em qualquer destas cousas e as mirão muito bem sem pedir licença. Se traz anneis ou oollar de ouro, pegão na mão ou no oollar para verem com todo o seu vagar. Ninguem ha que se exima desta busca ou pesquisa feminil. « Estava um dia (diz um viajante) na rua dos *Lenços bordados*, porque oada fazenda tem seu arruamento: chamei um judeo, gente prompta sempre a servir de interprete aos estrangeiros; disse-lhe que me guiasse á melhor loja, e em breve me introduzio em uma, onde me apresentarão prodigiosa quantidade de bordados dos mais bellos e mimosos labores. Enquanto eu escolhia, uma rapariga esbelta se pôz a meu lado acompanhada por duas escravas. O meu anel de turquezas (joia muito estimada na Turquia) excitou-lhe a curiosidade: travou-me da mão, depois de olhar e remirar, largou-m'a com indifferença, e seguiu caminho sem abrir boca. Fiz um gesto significativo ao meu judeo que me retorquio que este caso nada tinha de particular ou de extraordinario. Continuei a feirar; e, passado um instante, eis comigo a voltas a mesma visita: puxou-me pela manga, e quando ia a inclinar-me para o seu lado, espreçou-me rapidamente um dedo pela face, olhou depois e retirou-se. Não sabendo que pensasse da familiaridade desta senhora, ignorando se devia corresponder ás suas meiguices, questionei o judeo, que me explicou que a côr nimamente rubicunda das minhas faces, rara entre os Orientaes, provocára suspeitas á dama, que quiz certificar-se se eu punha côr na cara. Estas palavras tranquillisarão a minha imaginação. »

No centro do bazar está situado o que chamão Bezessein, com quatro lados, e só patente ao publico desde as sete horas da manhã até ao meio dia; é o coração de Constantinopla, é o lóco do orientalismo; só ahí se vendem armas e outros objectos de grande preço. Neste sitio é mais alto o tecto, e ha mais obscuridade que nos outros bazares; os mercadores destas lojas são velhos, de credito bem firmado. Todo o lugar é pitoresco. Depois de terdes admirado as espadas de Damasco com riquissimas bainhas e punhos resplandecentes, guardados de pedras preciosas, os punhos com seus cabos em que scintillão a esmeralda e o diamante, as espingardas embutidas em nacar, prata e ouro, voltai os olhos para outra galeria. Que aspecto respeitavel o de tantas venerandas cabeças cobertas de oaus, coroadas pelos turbantes alvos como a neve! São os Turcos do antigo regimen, os restos poeticos do Oriente, os destroços da nação que Mahimoud desfigurou fazendo-lhe adoptar os usos occidentaes; são os consumidores de opio que o funião até a dormir, e que não beberião vinho ainda quando lli'o ministrassem as formosas *huris* do paraiso musulmane; são os fatalistas que não tomarião o trabalho de se arredarem de um leão furioso, e que duvidão tanto dos milagres de Mafo-ma como do tamanho do caximbo por onde fumão. A riqueza das mercadorias que estes negociantes chãos e abonados vendeu é estupenda; as fazendas mais delicadas alli se encontrão, bem como as mais preciosas, e os preços são incomparavelmente mais baratos que na Europa.

O arruamento ou bazar dos confeiteiros é tambem esplendido e muitissimo bem provido. Stambul é afamado pelos seus excellentes doces, e não sem razão; os

melhores mestres de Paris alli tomarião lições quanto aos gelados. O assucar-candi não está encerrado em relemas; ergue-se em figura de rochedos ou de columnas até o tecto das lojas, e, bi-lhando com todas as côres do iris, é uma maravilha das *mil e uma noites* realisada, e o preço que custa è outra maravilha; por dous vintens compra-se um pedaço de certa casta mui fina, poe-ticamente denominada *balsamo peitoral*, de tamanho tal, que o maior goloso de assucar-candi difficilmente vencerá a quarta parte. Se dermos credito aos Turcos, as mulhieres de Constantinopla quasi que vivem só de doces. Cem mulhe-res do sultão occupão quinhentos cozi-nheiros, e consomem 2,500 libras de assucar por dia. É esta a maior des-peza da cozinha do serralho.

Uma das curiosidades da immensã capital do imperio ottomano è uma casa de pasto turca. Diz a este respeito certo viajante: «N'um gyro que fiz com o meu consul, aconteceu acharmo-nos quasi em jejum, ao meio dia, defronte de uma casa de pasto afamada, sita ao pé do mercado dos escravos. Confesso que à primeira vista não fiquei muito satisfeito, e tive poucas tentações de saciar o appetite em semelhante lugar. Um Turco rochunchudo, lizindo lhe a pelle com gordura, de braços arregaçados, estava de pé á porta da caza e convidava os passageiros batendo com uma enorme faca de cozinha na polpa da perna de um carneiro já aviado, pendente da banda de fóra. Chegava qualquer curioso: o bom do Turco cortava logo uma talhada, partia-a em pedacinhos, e, enfiando-os em um espeto, os punha ao lume. É isto o que em Constantinopla chamão *kibods*; o nosso consul, que já estava familiarisado com este guisado, entrou na casa sem hesi-

tar, e eu segui-o. O sabento cozinheiro, mal nos viu puxou risonho as calças largas e arranjou o cinto, vestiu uma boa fatia do carneiro, e apontou-nos para um estrado; aqui nos acomodámos como pudemos, cruzando as pernas e assentando nos oriental sobre os calcanhares. As emanações alliciadoras que nos vinhão da lajeira começavam já a reconciliar-me o estomago com os olhos, quando a vista do prato de estanho, cheio dos kibods, me trouxe nova perplexidade. Os taes bifes, de tanta fama vinhão a fumegar, cobertos de folhas de salada e pedaços de pão; todavia o oheiro era appetitoso; ferrei dentes no primeiro: o sabor correspondeu ao cheiro, e as minhas preocupações logo desvanecerão-se completamente. Com effeito, são os kibods muito boas comida; mas para a desfructar é mister besuntar os dedos, porque nas casas de pasto turcas nem garfos nem facas estão em uzo.

Tascas destas e os cafes satisfazem a gula das classes media e rasteira do povo daquella capital; um prato de kibods é o jantar desta gente, e muitas taças de cafe os sustentão no resto do dia. Dous homens bem esfaimados não poderão acabar o nusso prato, que todavia nos custou ainda menos de um tostão.

Os Turoos, por indole graves e sedentarios, não tem precisão de passeios; pelo que raros ha nas vizinhanças de Constantinopla; apenas aqui e acilá se encontrão kiosques ou pavilhões, e fontes erectas pela piedade dos feis; ao pé destes sitios vem os musulmanos fumar e tomar café. Chegando a hora da oração, fazem a sua ablução, estendem uma alcatifa no chão, e desempenhão o seu dever sagrado. Se alguma vez passeio, è nos cemiterios, que são todos plantados de arvoredos e os tumulos cercados de flores.

CRIME RECENTE.

Nos arredores de Tour commetteu-se um horroroso assassinato do modo seguinte:

O juiz civil de uma villa devia enviar a uma aldeia vizinha a quantia de 1200 francos; sua joven filha se deliberou a ser a conductora, pegou no seu cabaz, carregou o de dinheiro, e já se dispunha a partir, quando um guarda lhe aconselhou que não fosse pelo caminho ordinario que estava obstruido pelos gelos, e o tornavão impraticavel; acrescentando que melhor seria tomar um atalho pelo qual ainda que rodeasse alguma cousa, pederia caminhar mais commodamente. Tomou este conselho a joven, e ao passar pelo lugar mais povoado de arvores, que no transito se achava, cahio ferida de uma balla: seguidamente se lançou a ella o guarda, arrancou-lhe os brincos das orelhas, e o collar, a cruz de ouro que levava, e se apossou do sacco de dinheiro que metteo no seu surrão. Não muito longe d'alli um ancião que conduzia um feixe de lenha, presenciava esta scena horrivel; mudo de espanto, escondendo-se entre os troncos das arvores, ora olhando para o jumento que occultamente seguia, ora voltando a vista de quan-

do em quando para o lugar do crime; ate que já em alguma distancia lançou mão do seu machado, e assobiando se pôz a cortar lenha. O guarda, que o vio, avançou sobre elle, perguntando-lhe quem era; porêm como o infeliz-velho titubiasse na declaração de seu nome, disto nasceo uma renhida altercação entre o guarda e elle. „ Anda comigo a casa do juiz da povoação visinha “ lhe disse aquelle, e o agarrou pelo pescoço. O velho se deixava conduzir, ainda que fingia alguma resistencia, até que por fim chegarão á casa do juiz.

„ Dize-me o teu nome. “ Agora sim, disse o velho, chamo-me fulano.... porem atrever-tehas tu a dizer-me o teu? Não vi eu tudo o que acabaste de fazer? „ O guarda ficou inteiramente pallido, descorados seus labios, e tremulos seus joelhos. „ Senhor juiz, continuou o velho, sabeis onde está vossa filha? Vós a julgais na aldêa visinha aonde a enviastes; porem não está alli, não: está no proximo bosque, morta pelo guarda, que tem o sacco de dinheiro que ella conduzia, o collar e os brincos de vossa filha. „ Apenas deixou acabar estas palavras, o guarda que já o tinha agarrado pelo pescoço, o apertou entre suas mãos ate que o afogou; mas não pôde livrar-se do braço

da justiça, pois aos gritos do desesperado pai acudirão os visinhos, e o assassino foi preso e se acha agora na cadeia.



CHARADA.

Dou ao corpo
Alino descanço 2
Tal a certeza
Do que avanço. 4

CÓNGRITO.

Negro destino
E' o do amante
Que separado
Vive distante
Da sua bella;
Tudo sem ella
Torna-se triste
Seja na côrte
Tumultuaria,
Ou n'essa villa
Tao solitaria.

A adivinhação do numero antecedente é — Martelo e Bigorna —

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 7.º

15 DE ABRIL DE 1848.

N.º 80

AMOR MATERNO.

Vox audita est in Ramã.

Rachel plorans filios suos... et noluit consolari quia jam non sunt.

Cada vez que lemos estas palavras da santa escriptura, estas palavras que em sua singeleza revelão os mais reconditos arcanos do coração materno, os mais pungentes segredos da dôr, cabe-nos o livro das mãos, e absortos parece-nos ter ante os olhos essa mãe sublime, que não quiz ser consolada porque elles, seus filhos, já não existem! oh! qual o poeta, qual o autor profano capaz de com taõ pouco esforço, com taõ poucas palavras, e tanta verdade communicar-nos taõ profundas sensações!

Livro sagrado, quando para provar-nos que não és obra de homens, que és filho da inspiração, faltassem argumentos, bastaria teu estylo para convencer os mais incredulos bastaria tua poesia, o tua eloquencia!

Mas aonde nos leva a penna? não é o elogio da biblia não são bellas phrases sobre o amor materno que intentamos escrever; quereamos, leitor benevolo contar-vos uma historia, que achamos em um livreto que nos veio as mãos: traduziremos, que nada ha de melhor, porque nada ha que dê

menos trabalho: traduziremos mas com a liberdade de que usamos iremos cortando no original o que nos parecer inutil, desenvolvendo o que julgarmos carecer de desenvolvimento, alterando o que acharmos que para ser mais facilmente entendido deve ser alterado. E' a historia de Rog, a historia de um cão, que vos vamos contar: ouvi-nos.

Na cidade de Londres em uma casa de Euston-Square morava uma familia abastada: tudo no seu interior annunciava a independencia de fortuna filha da liberdade e do commercio, nada faltava, nada havia de inutil verdadeiro justo-meio entre o fausto da nobreza, e a miseria do povo. Virtude do protestantismo, — o azeio reinava em toda a parte: ás nove horas todas as camas estavam feitas toda a casa varrida e limpa, todos os moveis sacudidos: era o silencio de um templo methodista, e o azeio de um escriptorio hollandez.

Era a morada de Mistriss Philipps, filha de um opulento mercador de ferragens, que tendo em seu negocio agenciado grande fortuna achou que devia com ella dourar o braço de algum nobre famiato, dando-lhe a mão de sua filha; mas o merca-